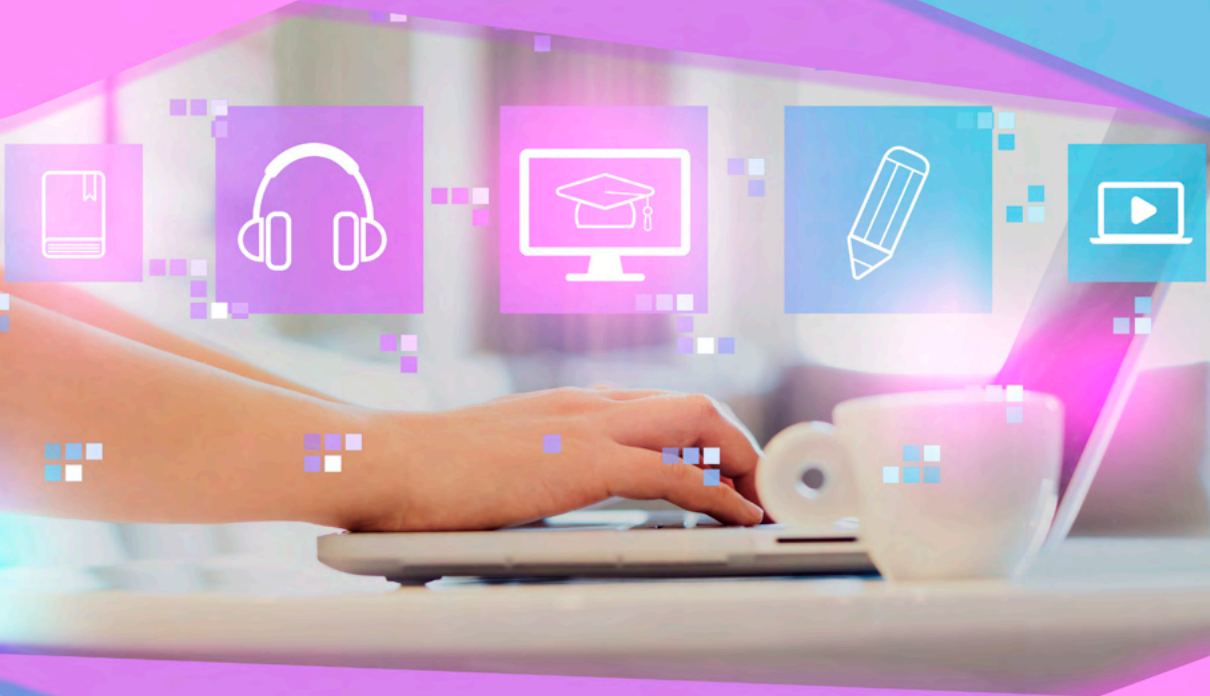


O processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação



Edwaldo Costa
Rodrigo Portari
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021

O processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação



Edwaldo Costa
Rodrigo Portari
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

O processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Edwaldo Costa
Rodrigo Portari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P963 O processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação / Organizadores Edwaldo Costa, Rodrigo Portari. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-541-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.416212809>

1. Sociedade da informação. I. Costa, Edwaldo (Organizador). II. Portari, Rodrigo (Organizador). III. Título.
CDD 303.4833

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Este e-book lança um olhar para a Educação, mais especificamente sobre o processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação. Os textos que o compõem são reflexões que visam compreender os contornos que a Educação e seus componentes estabelecem entre si e com outras tessituras sociais. Trata-se, portanto, de uma necessária atitude crítica diante do campo em toda a sua complexidade, para mirar suas reconfigurações, seus atravessamentos e os sentidos que os fatos educacionais produzem na contemporaneidade. Neste e-book apresentamos 16 capítulos de 46 pesquisadores.

Os capítulos analisam uma pluralidade de questões, apresentando problemas de pesquisas que abrangem: fazer escola na pandemia de Covid-19; audiovisual na sala de aula; a influência do perfil de jogador do aluno no desempenho de ferramentas gamificadas; a presença dos jesuítas e a abordagem nos livros didáticos; a presença da cartografia como recurso pedagógico; ferramenta tecnológica didática-pedagógica; surdez e bilinguismo; o desenvolvimento das TICs voltadas a educação brasileira; o ensino de proporcionalidade; o professor como mediador; ilustração científica no ensino/aprendizagem de fungos; o impacto das tecnologias digitais de informação e comunicação no contexto da pandemia; os espaços presenciais de aulas e as práticas pedagógicas; o retorno das aulas presenciais e as reflexões sobre a importância do plano de aula na formação docente. Como já mencionado, trata-se de uma obra transdisciplinar.

Um dos objetivos deste e-book é propor análises e fomentar discussões sobre a educação a partir de diferentes pontos de vista: político, social, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição.

Por fim, espera-se que com a composição diversa de autores e autoras, temas, questões, problemas, pontos de vista, perspectivas e olhares, este e-book ofereça uma contribuição plural e significativa.


Edwaldo Costa
Rodrigo Daniel Levoti Portari

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

FAZER ESCOLA NA PANDEMIA: PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO DE DOCENTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO


Andrea Berenblum
Ana Carolina Batista Souza
Camila Silva dos Santos
Gabriela Pereira Galdino
Hiago César Franklin
Kassiane Moreira Joaquim
Nívea Capetini Gonçalves da Silva
Thaiwane Mendes Marques
Thársyla Barreto Rodrigues
Viviane Marcelino Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128091>

CAPÍTULO 2..... 16

O IMPACTO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UM ESTUDO DE CASO NOS CURSOS DE LICENCIATURA DO IFES - CAMPUS ITAPINA


Thaynara Doring
Ederval Pablo Ferreira da Cruz
Flávia Nascimento Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128092>

CAPÍTULO 3..... 29

RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS: UM OLHAR REFLEXIVO E ESPECIAL DOS DOCENTES NO DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO DA APRENDIZAGEM DOS DISCENTES


Claudivânia Alves Freitas
Neiva Soraia Cruz de Oliveira Santos
Raimundo Nonato Sobrinho
Rosângela Pereira da Silva







 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128093>

CAPÍTULO 4..... 37


O DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICs) VOLTADAS A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Vagner da Silva Dias
Cláudio Gabriel Soares Araújo
Kellem Paula Rohãn Araújo
Fátima Regina Zan
Carmen Regina Dorneles Nogueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128094>

CAPÍTULO 5	53
ENTRE A SURDEZ E O BILINGUISTO: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Adriana Alves de Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128095	
CAPÍTULO 6	69
O PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE QUÍMICA SOB A PERSPECTIVA DE VYGOTSKY: ANALISANDO UMA SEQUÊNCIA DE ENSINO INVESTIGATIVA	
Emília Fádua Sued Paulino	
Mirley Luciene dos Santos	
Marcelo Duarte Porto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128096	
CAPÍTULO 7	81
REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PLANO DE AULA NA FORMAÇÃO DOCENTE	
Angelita Minetto Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128097	
CAPÍTULO 8	101
O ENSINO DE PROPORCIONALIDADE: A UTILIZAÇÃO DA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS COMO METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM AVALIAÇÃO	
Poliana Figueiredo Cardoso Rodrigues	
Livia Ladeira Gomes	
Carla Fernanda Siqueira Barreto de Freitas dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128098	
CAPÍTULO 9	111
DIFICULDADES EM MATEMÁTICA: NECESSIDADE DE UMA FERRAMENTA TECNOLÓGICA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	
Rafael Ramos Pereira	
Allysson Macário de Araújo Caldas	
Jailson Oliveira da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4162128099	
CAPÍTULO 10	123
AUDIOVISUAL NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	
Ana Paula Miranda Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.41621280910	
CAPÍTULO 11	135
A PRESENÇA DOS JESUÍTAS EM PRESIDENTE KENNEDY/ES: ABORDAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS INICIAIS E FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Telma Maria Paula Rainha Gomes	


Sebastião Pimentel Franco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41621280911>

CAPÍTULO 12..... 148

A PRESENÇA DA CARTOGRAFIA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA DO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA DIAGNOSE

Ronaldo Goulart Duarte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41621280912>

CAPÍTULO 13..... 161

A INFLUÊNCIA DO PERFIL DE JOGADOR DO ALUNO NO DESEMPENHO DE FERRAMENTAS GAMIFICADAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Márcio Cristiano Vasconcelos de Campos

Tiago Bonini Borchart

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41621280913>

CAPÍTULO 14..... 173

ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE FUNGOS MACROSCÓPICOS

Flávio dos Santos Souza

Geovani Ferrari

Ilio Fealho de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41621280914>

CAPÍTULO 15..... 181

OS ESPAÇOS PRESENCIAIS DE AULA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Bárbara Doro-Zachi

Sandra Maria Ribeiro de Souza


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41621280915>

CAPÍTULO 16..... 194

A MORTE DE DIEGO MARADONA NA PRIMEIRA PÁGINA: ANÁLISE DAS CAPAS DE JORNAIS BRASILEIROS

Rodrigo Daniel Levoti Portari

Edwaldo Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.41621280916>

SOBRE OS ORGANIZADORES 208

ÍNDICE REMISSIVO..... 209

A MORTE DE DIEGO MARADONA NA PRIMEIRA PÁGINA: ANÁLISE DAS CAPAS DE JORNAIS BRASILEIROS

Data de aceite: 27/09/2021

Rodrigo Daniel Levoti Portari

Professor efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
<http://lattes.cnpq.br/8795949726430425>
<https://orcid.org/0000-0002-3196-924X>

Edwaldo Costa

Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da UnB
<http://lattes.cnpq.br/3950553227038648>
<https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>

RESUMO: O presente artigo tem como foco o estudo de capas de jornais impressos acerca da morte do atleta Diego Armando Maradona, ocorrida no ano de 2020. Foram selecionadas 16 publicações impressas do Brasil para compreender como a mídia noticiosa transformou o fato da morte inesperada do atleta em notícia no Brasil, considerando o contexto de rivalidade existente entre o Brasil e a Argentina no que diz respeito a partidas de futebol. Parte-se para análise qualitativa das capas, com leitura sincrética entre textos e imagens para compreender os sentidos das manchetes, que foram agrupadas em dois eixos: o da imortalidade a partir do “status” de deus atribuído ao morto e o status de gênio do futebol. Destaca-se que Maradona é tratado como um Grande Morto (MOUILLAUD, 2012) e que sua morte nada mais é que mais um fato de sua história, uma vez que tão logo seja oportuno, seus feitos dentro de campo podem ser resgatados pela mídia

noticiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Maradona. Jornais Impressos.

MARADONA'S DEATH ON THE FRONT PAGE OF BRAZILIAN NEWSPAPERS

ABSTRACT: This article focuses on the study of printed newspaper covers about the death of the athlete Diego Armando Maradona, which occurred in the year 2020. 16 printed publications from Brazil were selected to understand how the news media transformed the fact of the athlete's unexpected death into news in Brazil, considering the context of rivalry between Brazil and Argentina with respect to football matches. It starts with a qualitative analysis of the covers, with a syncretic reading between texts and images to understand the meanings of the headlines, which were grouped in two axes: that of immortality based on the “status” of god attributed to the dead and the genius status of the soccer. It is noteworthy that Maradona is treated as a Great Dead (MOUILLAUD, 2012) and that his death is nothing more than a fact of his history, since as soon as it is opportune, his achievements on the field can be rescued by the news media.

KEYWORDS: Death. Public Figures. Newspapers.

INTRODUÇÃO

Se existe uma discussão que permeia conversas sobre futebol no Brasil é a eterna disputa de quem merece o título de melhor jogador da história: Pelé ou Maradona.

Alimentada principalmente pela mídia, a disputa entre o posto de ícone futebolístico, referência quando se iguala o esporte à arte, durante pelo menos os últimos 22 anos a discussão sobre quem merece ostentar a coroa de rei do futebol divide opiniões mesmo no Brasil.

A constatação é do professor Ronaldo Helal (2007, 2009, 2014). Em uma pesquisa aprofundada sobre a disputa Pelé x Maradona, aponta que até 1998 não existia a dúvida sobre quem era o melhor, nem mesmo na Argentina. Pelé sempre levou o status e o título de Rei até que, em dezembro de 2000, uma eleição da Fifa dividiu opiniões: Pelé foi eleito pelos especialistas como o melhor da história. Maradona foi escolhido pelo público em geral. E o título ficou com o brasileiro. Esse teria sido o estopim para a discussão que se arrasta até hoje.

Se há uma diferença que se sobressai entre os dois, para Helal, Maradona seria mais “dionisíaco” – dadas as polêmicas e problemas da vida pessoal e profissional durante sua carreira – enquanto Pelé é apresentado como mais “apolíneo” em sua trajetória futebolística. “A história pessoal e profissional de Maradona está clivada de quedas e ascensões. Em contrapartida, onde estão as quedas e ascensões de Pelé? Maradona aparece como um herói dionisíaco, paixão e emoção; Pelé como um rei apolíneo, razão e técnica”. (HELAL, 2014, p.149).

Maradona, então, teria uma ligação mais afetiva com o público argentino. Suas fotos e imagens estão nas bancas de jornais à venda, assim como as de Che Guevara e de tantos outros ídolos e celebridades daquele país. A devoção ao futebolista levou à fundação da “Igreja Maradoniana” em 30 de outubro de 1998, na cidade de Rosário, cidade natal do ídolo onde, a partir de então, foi elevado ao status de “deus” a ser cultuado por seus seguidores ainda em vida.

Esse breve histórico da polêmica faz-se necessário para contextualizar como ao longo de décadas essa discussão se fez presente nas rodas de conversa de botequim, nos almoços dominicais em família e, principalmente, na mídia. O jornalismo esportivo, em especial no Brasil, sempre que pode faz comparativos entre as carreiras de ambos os craques e, possivelmente por uma questão bairrista, o atleta tupiniquim sempre é apontado como o vencedor. Tratar Maradona como um ‘deus’ – seja da religião ou do futebol – nunca fez parte do jornalismo brasileiro. Pelo menos até o dia 26 de novembro de 2020.

Foi nesta data em que os jornais impressos do Brasil, dos mais importantes em termos de circulação nacional aos regionais, estamparam em suas primeiras páginas a notícia da morte de Maradona, ocorrida no final da tarde do dia 25 de novembro em razão de uma parada cardiorrespiratória enquanto se recuperava de uma cirurgia cerebral.

Dionisíaco como sempre, sem prévio aviso, rompeu com a normalidade do cotidiano de forma inesperada após ter passado por uma cirurgia cerebral e aparentemente estar em boa recuperação, já em casa, sem internação prévia em um hospital que levasse a um longo e doloroso tratamento que o faria definhar dia após dia, com cobertura intensiva da mídia.

Ele simplesmente se foi provocando a mídia a deixar de lado assuntos como a iminência do segundo turno das eleições municipais em várias capitais brasileiras, ou então a emergência em saúde da pandemia ou mesmo economia e política nacional e internacional.

A morte, uma velha e conhecida inimiga da vida, alcançou alguém que estava alçado à imortalidade. Quando isso ocorre o jornalismo se vê obrigado a compreender, explicar e oferecer a seus receptores uma interpretação sobre o fato, ainda mais quando uma celebridade de primeira grandeza, conhecida mundialmente. É o fato histórico, o tempo histórico percebido pelo jornalismo materializado na morte.

A morte de celebridades é um dos marcos desse reconhecimento jornalístico mas, de alguma forma, é simultaneamente, expressão de um “tempo público” que podemos afirmar como diluído na experiência cotidiana, que permite e faz com que outras mortes, anônimas e recorrentes, apreçam na cobertura diária, dando sentido a um partilhamento do qual o princípio organizador do jornalismo é articulador. (TAVARES, 2012, p.88).

A partir dessas considerações, selecionamos capas de jornais brasileiros para compreender como esse marco histórico foi construído já no dia seguinte à morte de Maradona, destacando como o impacto da notícia foi transformado para os leitores brasileiros, separando-as em pelo menos duas categorias: 1) a construção da imortalidade da figura pública e 2) o seu retrato enquanto “gênio” do futebol.

DEUSES NUNCA MORREM

Se há algo do qual seres humanos e animais compartilham, é o medo da morte. Basta a simples possibilidade de perder a vida para que uma série de reações químicas e instintivas se ativem no organismo buscando a sobrevivência. No entanto, diferentemente dos animais, os seres humanos esperam e convivem com a morte. É a consciência de que ela ocorrerá uma das responsáveis pelos esforços humanos de superá-la.

Ivan Bystrina (1995, p.5) aponta que o medo da morte é a base principal para a criação das religiões. Encarando a religião como um texto cultural, capaz de ser lido e compreendido principalmente diante dos contextos em que essas manifestações surgem, o autor aponta que a criação dos mitos religiosos conforta as pessoas para a inevitabilidade da morte. Histórias como a ressurreição ou uma vida eterna para “além da vida terrena” dão o conforto necessário para que se possa acordar, dia após dia, e saber que a existência seria apenas uma passagem para um outro lugar ou dimensão.

Nesse mesmo sentido, Baumann (2015) aponta que a criação da religião é talvez a mais engenhosa solução para suplantar o medo do fim. Analisando sob diversas perspectivas o que ele chama de “medo líquido”, o autor afirma categoricamente que até hoje nenhuma solução se fez mais eficaz do que a da religião.

Virar a morte de ponta-cabeça – transformar a queda mais repugnante na mais jubilosa ascensão – foi realmente um movimento virtuoso. Não apenas

conseguiu conciliar os mortais com sua mortalidade, mas também dotava a vida de um sentido, um propósito [...] Dificilmente algum substituto se mostrou mais radical que o original no que se refere a amansar e domesticar o espectro da morte. Só o original apresentou a vida após a morte como destino universal e inegociável, desse modo reapresentando a preocupação com a morte, inspirada pelo medo, como um dever universal – e redentor. (BAUMAN, 2014, p.48-49).

Pela religião, os atos em vida determinam seus passos na morte. Uma vida marcada por boas ações nos daria aquilo que é entendido como o paraíso, onde nada de ruim ou de mal há de acontecer. Se a vida é marcada por desvios de comportamento e ação, a eternidade então se daria no “inferno”. O fato é que a conduta hoje determina o seu futuro pós-morte amanhã. Nesse aspecto, para aqueles que não querem ou não seguem a religião, outros artifícios de imortalidade foram criados como possíveis “substitutos”. Um deles seria o destaque individual, o “ser alguém” no mundo, com distinção e personalidade. Em síntese: a celebridade ou figura pública, uma espécie de individualidade no coletivo, um rosto conhecido entre tantos milhões de desconhecidos que jamais será esquecido. Porém, ser famoso não é garantia de que a imortalidade se dará da forma como planejada.

O direito à fama individual institucionalmente assegurado não garante a atribuição do tipo certo de fama, a *glória*. Na prática, pode significar uma eternidade de infâmia. Toda memória, incluindo a da posteridade, é uma bênção ambígua. Se você pertence a uma categoria social que contempla os desempenhos individuais, sejam eles aprovados ou condenados, com a perspectiva de serem registrados e comemorados, a fama é um *destino*. Mas a capacidade de sobrevivência da fama, e de seus conteúdos, permanece perpétua e indefinida. (BAUMAN, 2014, p.52).

Alcançar essa distinção é ser mantido na memória, de uma forma ou de outra. Nesse ponto, as celebridades e figuras públicas estão um passo à frente dos demais: o status da fama os elevam a categorias de deuses e, assim, “imortais”. Mesmo quando morrem é apenas uma questão de tempo até que voltem a ser assunto novamente, ou seja, ganhem vida mais uma vez nos noticiários.

É o que podemos observar, por exemplo, em edições comemorativas ou rememorativas acerca de ídolos já mortos. Ayrton Senna, Kobe Bryant, Muhammad Ali, entre tantos outros, todos, vez ou outra, ganham novamente a vida na mídia em datas especiais, retrospectivas ou mesmo quando algum de seus feitos estão prestes a serem superados.

No que tange à morte de Diego Armando Maradona, nessa primeira seção de análises, separamos capas de sete jornais que atribuem algum papel de santidade ou divindade ao jogador, mesmo que em sua trajetória de vida “dionisíaca”, o atleta tenha se envolvido em diversas polêmicas que vão desde o famoso lance de “*La mano de Diós*” a suspensões por uso de entorpecentes em partidas profissionais.

Não pretendemos julgar ou realizar um trabalho biográfico negativo do atleta, mas

algumas passagens devem ser destacadas para melhor compreensão do material que será apresentado a seguir. Iniciaremos pelo polêmico lance da Copa do Mundo de 1986, no jogo das quartas de finais contra a Inglaterra.

Nessa partida Maradona marcou um dos gols mais bonitos de sua carreira. No entanto, o confronto entre as duas equipes ficou registrado na história das Copas do Mundo por um gol de mão feito pelo craque aos seis minutos do segundo tempo, enquanto o placar ainda marcava 0 x 0 no confronto.



Figura 1 – La Mano de Diós. Autor: Eduardo Longoni, 1986.
Fonte: <http://www.eduardolongoni.com.ar/maradona-mitico>.

Astuto, tão logo viu a bola entrar nas redes, saiu comemorando o gol e incitando seus companheiros de times a fazer o mesmo para confundir o árbitro da partida. A estratégia deu certo e, considerando que a tecnologia de reanálise de lances com meio eletrônico é algo instituído no futebol a partir de 2018, o árbitro confirmou o tento argentino a despeito das reclamações dos ingleses.

Em entrevista após a partida, Maradona deu a seguinte explicação para o lance: “*Lo marqué un poco con la cabeza y un poco con la mano de Dios*” (“Marquei um pouco com a cabeça e um pouco com a mão de Deus”), dando origem ao título da foto e a um dos lances mais polêmicos da história dos mundiais FIFA.

Outra polêmica em sua carreira se deu na Copado Mundo Fifa de 1994, nos Estados Unidos. Após cumprir 15 meses de suspensão por doping enquanto jogava no Napoli, na Itália, Maradona volta a ser um dos destaques da Argentina no Mundial. Até que na segunda rodada foi escalado para o teste antidoping, que acusou o uso de efedrina. Para não ver a Argentina eliminada de pronto do Mundial, deixou a delegação e alegou inocência, no entanto, muitos especialistas em futebol apontam que a partir desse fato a vida do atleta nunca mais foi a mesma.

Os dois fatos, sob a perspectiva das boas ações como condição de chegar ao

paraíso¹, poderiam ser determinantes para que isso não ocorresse. Porém, como substituto da religião, temos a fama como viés da imortalidade. Os erros e acertos da carreira – e mesmo da vida pessoal – não são colocados em uma balança para o juízo final. Pelo contrário, serão essas marcas que decidirão como a mídia irá representar a celebridade em seu pós-morte. No caso de Maradona, a polêmica “ajuda divina” foi retomada pelos jornais como status de verdade e, assim, para essas publicações, o imortal é recebido nos céus pelo mesmo Deus que o ajudou a marcar o gol em 1986.

Em suas manchetes temos expressões como: “Deuses nunca morrem” (Jornal Correio – Bahia); “Ad10s” (Meia Hora de Notícias – Rio de Janeiro), “Nas mãos de D10s” (Expresso da Informação – Rio de Janeiro); “Adiós: o futebol perde o mais passional dos gênios” (O Estado de Minas – Belo Horizonte); “Adiós, Don Diego” (Correio Braziliense – Brasília); “Nos braços da imortalidade” (O Estado de S.Paulo – São Paulo) e “O mais humano dos deuses” (O Globo – Rio de Janeiro – RJ).



Figura 2 – Jornais Correio, Meia Hora de Notícias, Expresso, Folha de S.Paulo, Estado de Minas, Correio Braziliense, O Estado de S.Paulo e O Globo de de 26/11/2020.

Fonte: Reprodução.

1 Não estamos aqui discutindo temas como arrependimento, redenção ou qualquer outro tipo de valores agregados às religiões que são tidos como necessários para se alcançar o paraíso.

Se há algo em comum em cinco das oito capas selecionadas é o fato dos jornais alçarem Maradona aos céus. Com exceção do jornal NH e O Estado de S.Paulo, todos os demais alçam o atleta para os céus, seja na composição fotográfica como no Correio e no Meia Hora, seja com charges ilustrativas encontradas no Expresso, Estado de Minas e Correio Braziliense.

O Estado de Minas nos traz uma charge de Maradona, com asas de anjo, prestes a chutar uma bola em um gol fictício, feito a partir de dois dedos do que seria a mão de Deus. Esse movimento típico de fingir um gol com os dedos é comumente feito por crianças para brincar de “futebol de tampinhas”, brincadeiras típicas da infância para improvisar distração quando nas mais variadas situações. Ali, temos então a imagem do “mais passional dos gênios” já nas nuvens, contrastando com a foto do rodapé da página que, com a taça da Copa do Mundo em mãos, o atleta celebraria o ápice da vida: a vitória em campo.

Ainda no plano das charges enquanto representação daquilo que não pode ser fotografado (afinal, quando alguém conseguiu de fato registrar uma alma chegando aos céus ou ao inferno?) o Correio Braziliense usa literalmente o dedo de Deus para receber o atleta. Chama atenção que o movimento da mão de Maradona, por sobre a cabeça, é exatamente o mesmo da fotografia do gol que eliminou a Inglaterra da Copa do Mundo de 1986, remetendo diretamente à memória dos leitores daquele polêmico lance.

O Expresso é o único dos jornais que contextualiza duplamente a morte de Maradona com outra morte de figura pública ocorrida no Brasil no mesmo dia: a do apresentador Fernando Vanucci. O brasileiro, conhecido pelo bordão “Alô Você” é representado no mesmo gramado em que Maradona está que, a julgar pelas nuvens em seu entorno, também deve estar localizado no céu, fato reforçado pela manchete “Nas mãos de D10S”. No entanto, cada celebridade é representada com a envergadura de reconhecimento que obteve em vida: Maradona surge em destaque e bem maior que Vanucci que, mais discreto, salta por trás de uma nuvem para apresentar o seu bordão e, quiçá, receber o futebolista nos céus já com uma bola embaixo dos braços. Maradona é gigante, um deus que chega para habitar o céu, enquanto Vanucci é mais um mortal que ganhou certa notoriedade que também está a dividir o mesmo espaço.

Nesse ponto, abrimos um pequeno parêntese nas análises para destacar a presença do jornalista brasileiro junto à celebridade internacional, que tem clara intenção de apelar para o afeto, sentimento e memória do leitor: “Sabemos que os critérios que orientam as escolhas das notícias de morte para a capa extrapolam decisões profissionais, implicando memórias, valores e sentimentos, tanto do jornalista como dos consumidores de notícias” (SILVA, VOGEL, 2012, p.178).

No que tange as análises fotográficas, destacamos nas capas dos jornais Correio e da Folha de S.Paulo o uso da foto no “contra plongée”, colocando os leitores com a visão “de baixo para cima” de Maradona. Entre as duas edições, o Correio traz um tratamento cromático que ressalta o azul, reforçando a presença do “céu” na imagem, enquanto a

Folha opta por um tratamento mais próximo das cores naturais. No Correio, a fotografia aparenta mais a uma pintura do que o “registro” de um fato, como optou a Folha. Em ambas as fotos, o céu, ao fundo, traduz a mensagem do jogador alçado às mãos de Deus, com a taça na mão, enquanto nós, mortais, estamos abaixo de sua divindade. Maradona, tal como as imagens de santos em templos religiosos, passa a ser uma imagem a ser cultuada e celebrada, com todos os demais a seus pés.

O jornal Meia Hora de Notícias transforma a foto de Maradona em uma representação de “santidade” ao inserir um brilho luminoso diante do atleta, colocando-o a caminho da luz. A representação de uma luz forte para qual uma pessoa caminha é comumente associada, no Brasil, à passagem da alma para os céus, com a luz branca intensa representando a divindade de Deus em toda sua pureza. E é para lá, dando as costas para o leitor, que o atleta caminha, abandonando quaisquer outros problemas que já teve em sua passagem terrena.

Já o Estado de S.Paulo vai mais fundo em sua representação a partir da composição fotográfica. Maradona, de braços abertos para a torcida na arquibancada, é colocado como um verdadeiro deus a ser ovacionado por seus fiéis. O recorte da fotografia, enfocando as costas do atleta com o tradicional número 10 da seleção argentina, faz com que Maradona abra os braços tal como o Cristo Redentor o faz no Rio de Janeiro. A representação fotográfica sugere muito mais do que a comemoração pela homenagem recebida no estádio La Bombonera em 2001 (como nos informa o texto de legenda), mas nos permite inferir que o atleta alcançou a sua redenção e, agora como figura morta, abençoa seus fiéis súditos que, na arquibancada, esperavam por seus milagres entre as quatro linhas do campo de jogo.

Repetindo a mesma foto já anteriormente apresentada de Maradona com a taça nas mãos, O Globo é taxativo ao apresentar o grau de imortalidade alcançado pelo atleta junto a seu público, trazendo a manchete “O mais humano dos deuses”. Como uma segunda representação do atleta, à esquerda, em uma coluna, uma charge de Chico Caruso apresenta o atleta de costas, dando seu adeus a todos e, no lugar da bola de futebol, carrega o planeta embaixo do braço. As imagens dialogam entre si e reforçam o discurso de culto ao atleta.

Chama-nos a atenção o fato de todos os jornais apresentados evitarem a cor preta – a cor do luto no Ocidente – para destacar a morte do jogador. Para compor a divindade e o alcance do futebolista aos céus, as publicações optam por tons de azul claro e branco, tons naturalmente presentes na cor do céu em dias claros.

A utilização de tons mais claros também purifica a representação do atleta e ainda se ligam às cores do uniforme 1 da seleção da Argentina, composta de branco com listras azul celeste. Nesse plano cromático, a morte de Maradona é mais leve, não é carregada pela cor preta do luto, deixando o assunto mais agradável visualmente e, ainda, reforçando o status de divindade da figura pública.

As sete representações apontadas acima reforçam o que apontamos anteriormente: deuses são imortais, mesmo que sejam os deuses criados pelos próprios homens, que dão notoriedade e reconhecimento por seus talentos individuais ou coletivos. Maradona é considerado um deus e, como tal, os jornais reforçam esse discurso a despeito de qualquer outro atrito que possa existir entre as torcidas brasileira e argentina. E, como um imortal, seu lugar na história é registrado por esses jornais com toda honra à qual faria justiça.

Na próxima seção apresentaremos outras formas de representação de Maradona nessa mesma data. Desta vez, com menos divindade, mas alçado à condição de gênio, traremos publicações que agradeceram ao atleta por ter apresentado suas habilidades aos amantes do futebol, esquecendo toda e qualquer polêmica que possa ter surgido em sua carreira.

MARADONA, O GÊNIO

Se em determinadas publicações brasileiras a imortalidade é o tema principal de suas capas, reforçando o status da celebridade que não morre e que, vez ou outra, será resgatada e lembrada pelas publicações, por outro lado há jornais que optaram por destacar as habilidades do atleta enquanto jogador, deixando de lado qualquer tipo de julgamento ou predeterminação para seu além da vida: não nos indicam se irá para o céu, para o inferno ou mesmo para o purgatório. Porém, reforçam o aspecto que o fez ficar reconhecido mundialmente: o talento no campo de jogo.

É o que nos apresenta os jornais Agora São Paulo (São Paulo – SP) com a manchete “Morre Maradona”; Diário de Pernambuco (Recife – PE) com um texto legenda que diz “Milhares de pessoas tomaram as ruas da Argentina na despedida do maior ídolo da história do país. Velório terminou em caos”; Diário de São Paulo (São Paulo – SP) com “O adeus de um gênio”; Diário Gaúcho (Porto Alegre – RS) com “Obrigado, Diego!!!”; Extra (Rio de Janeiro – RJ) dizendo “AD10S, gênio”; O Dia (Rio de Janeiro – RJ) com a manchete “Adiós, Hermano”; Super Notícia (Belo Horizonte – MG) noticiando “AD10S, ídolo!” e o Zero Hora (Porto Alegre – RS) com “Adeus a Maradona”.

Todas as capas e manchetes podem ser observadas na Figura 3:



Figura 3 – Jornais Agora S.Paulo, Diário de Pernambuco, Diário de São Paulo, Diário Gaúcho, Extra, O Dia, Super Notícias e Zero Hora de 26/11/2020.

Fonte: Reprodução.

A genialidade futebolística de Maradona está estampada não apenas nos textos, mas nas fotografias escolhidas para as manchetes das capas. Com exceção do Diário de Pernambuco, que traz torcedores hasteando uma camiseta estampada com o retrato do jogador, e do Diário de São Paulo, que exibe um retrato em fundo branco (não deixando, na imagem, fazer referência às imagens de santos exibidas no catolicismo), as demais edições trazem o atleta com toda sua vitalidade entre as quatro linhas, seja “brincando” com uma bola ou na explosão máxima da emoção do jogo, que é a comemoração de um gol.

Nesse ponto, morte e vida são confrontadas. Não há um corpo morto, inerte, mas sim um corpo em pleno movimento e vitalidade, representando uma espécie de herói que nunca se vai e que, mesmo diante da notícia de sua morte, está vivo e presente:

...o herói belicioso que é a figura esportiva, tudo isso ressurge de um reencantamento do mundo que tem uma grande repercussão no inconsciente coletivo. Essas figuras não têm nada de específico, não fazem senão repetir, retomar caracteres, maneiras de ser antropológicamente arraigadas. Este aspecto cíclico é que faz, aliás, que sejam postos nas nuvens. E é comungando com essas redundantes encenações, identificando-se com elas, que cada

um, ao fim de uma longa iniciação – na maior do tempo não consciente -, se supera, “explode” em algo que se sobrepõe ao isolamento, ao estreitamento do pequeno individual. (MAFFESOLI, 2003, p.37).

Reencantando o mundo e com grande repercussão no consciente coletivo são características que podemos atribuir a uma celebridade e, como tal, Diego Maradona tem sua genialidade exaltada pela vibração de seu sucesso, lembrando a todos os motivos pelos quais o faz ser eternizado naquelas condições. Nesse sentido, o professor Elton Antunes já destacava ao citar a morte da ex-proprietária da Daslu e do cantor Pery Ribeiro, que “as mortes associadas a pessoas com certa visibilidade e que de imediato pedem pela memória dos leitores para reconhecimento do que representam, do que significavam. É um tom característico de aviso fúnebre” (ANTUNES, 2012, p.54).

Os jornais que trazem Maradona como ‘gênio’ ao expor a sua morte fazem esse percurso, resgatando a memória dos leitores para que possam reconhecê-lo como tal, já que há pelo menos 16 anos o atleta estava aposentado dos gramados, sendo que a memória de seus feitos passa a ser importante para manter seu reconhecimento e o status de um dos melhores jogadores da história.

A ênfase em suas conquistas é explicável, principalmente pelo fato do morto ser célebre, condição que contribui para essa modalidade de narrativa jornalística. Henn (2012) já destacava essa possibilidade ao assinalar que a morte sempre ganha espaço no jornalismo com diversas ênfases, que podem ser por seus impactos, consequências ou mesmo a uma exumação pública do caráter do morto.

O autor anota que “quando o protagonista faz parte do mundo dos espetáculos, essa ênfase agiganta-se, produzindo uma espécie de mitologia às avessas em que o personagem ao mesmo tempo é colocado em patamar que o distingue dos humanos e no limbo das desconstruções sórdidas (HENN, 2012, p. 118).

Nas capas da **Figura 3**, Maradona é construído enquanto personagem sobre-humano, que se destaca da grande maioria graças a suas habilidades com os pés e aos feitos conquistados por vitórias em campeonatos de futebol. A despeito de sua trajetória marcada por problemas dentro e fora de campo, há um apagamento desse outro lado de sua trajetória nessas edições, apelando principalmente para valores e sentimentos dos leitores para que reconheçam o talento enquanto futebolista. Quaisquer outros aspectos de sua vida são deixados de lado ou são compensadas por sua genialidade apresentada durante a carreira entre as quatro linhas.

Os aspectos físicos são mais ressaltados nessas narrativas jornalísticas, colocando em confronto a efervescência da vida com a frieza da morte. Mesmo agora não podendo mais viver e jogar, o atleta é representado dessa forma, tal como superasse a própria morte para manter-se vivo e, dessa forma, ser lembrado enquanto “corpo vivo”, ativo e comemorando mais um gol em alguma partida de futebol.

A única exceção da **Figura 3** se dá na capa do Diário de Pernambuco, que

consideramos como a mais simbólica entre as selecionadas nesse eixo de leitura. Essa publicação opta por uma representação indireta de Maradona em meio aos vivos: na multidão, um fã estende uma camiseta com um retrato em preto e branco do jogador estampado em uma camiseta. É uma imagem de uma imagem, a representação de um vestígio do que foi Maradona, uma vez que ali trata-se de uma quarta representação imagética do atleta (a primeira é a sua imagem enquanto pessoa viva; a fotografia original utilizada como base da estampa; a terceira é a estampa na camiseta; a quarta representação é a foto da estampa da camiseta publicada no suporte de papel jornal).

Há um afastamento entre o corpo vivo para uma representação imóvel, passada e que pode ser hasteada por seus fãs. Mesmo assim, a distância entre aquela representação e a notícia do dia o colocam em meio aos vivos, em uma clara mensagem: a partir dali, o que resta é a memória, que estará entre os que aqui ficaram, permitindo àquele corpo morto a presença entre os vivos.

Para essas publicações, a mensagem é clara: Maradona supera a morte por sua história, por seus feitos e por sua genialidade em campo. E, portanto, a morte é tão apenas uma passagem que não apagará sua história e sua genialidade. Desta forma, garante-se uma suposta “imortalidade”, permitindo com que, tão logo seja preciso, sua imagem, seus gols, entrevistas e feitos possam ser resgatados, trazendo-o novamente à vida na memória dos leitores ou, então, futuramente, apresentando-o a gerações que não o (re)conheceram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte de Diego Maradona sem dúvida nenhuma impactou a história do futebol no mundo. Por ser figura pública reconhecida mundialmente em razão de seus feitos dentro das quatro linhas, colocam esse personagem naquilo que Maurice Mouillaud chama de o “Grande Morto”. “o Grande Morto tem o privilégio da velocidade; ultrapassa todas as outras informações; sua reprodução na primeira página, em um enunciado reduzido a uma frase mínima (o nome, o verbo de ligação e o predicado), produz um efeito de despacho de agência. [...] A Grande Morte da mídia é uma morte instantânea; irrompe como um golpe que ninguém preparou. (MOUILLAUD, 2012, p.455)”.

No entanto, apesar de apontarmos esse “status” de grande morte para Maradona, no Brasil, as capas não foram monotemáticas a ponto dessa morte apagar todos os demais acontecimentos noticiosos naquela data. É feito um destaque em primeira página, na maior parte das publicações recortadas em nossa pesquisa como manchete principal do dia, porém, não é apenas a morte de Maradona que ocorre naquele dia. Seu reconhecimento enquanto “D10s” ou “gênio” não é o suficiente para eliminar pesquisas políticas, prazos de renovação de CNH ou notícias sobre a Pandemia de COVID-19 naquele momento.

Mesmo assim, outras características apontadas por Mouillaud reforçam essa percepção de Maradona como Grande Morto, tais como o título de “herói”, “gênio” ou

mesmo de “deus”, funções e títulos “que apenas um morto pode ter” (Idem, *Ibid*, p. 463).

As capas dos jornais selecionados atuam como uma espécie de monumento, memorial, e agem com a intenção de imortalizar a memória de Maradona enquanto futebolista e atleta de reconhecimento mundial. Seja na categoria do deus imortal, seja com o status de gênio, o atleta é alçado a uma condição de transgredir a própria morte. E, para isso, vale-se da memória e de sua história, colocando-o por algum tempo em “espera”, como um deus do Olimpo pronto para ressurgir na Terra por meios das notícias, tão logo for oportuno para a própria mídia.

Como figura pública, a morte é e será superada. Sua imagem, entrevistas, gols e ações em vida podem e devem ser retomadas frequentemente, garantindo a sua permanência no mundo dos vivos, já que, como as próprias manchetes deixam claro: deuses nunca morrem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Elton. **Notícia depois da morte: visibilidades e ausências no jornalismo**. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christsa; HENN, Ronaldo. *Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte*. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de Semiótica da Cultura** (pré-print). São Paulo: CISC, 1995.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. **Jornalismo e futebol: argentinos e brasileiros ou do ‘odiar amar’ e do ‘amar odiar’**. In: Marques, José Carlos (org.). *Comunicação e Esporte: diálogos possíveis*. São Paulo: Intercom, 2007, p.12-25.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. **Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística**. *Revista Brasileira de Futebol*. V. 2. 2009, p.20-26.

HELAL, Ronaldo. **Mídia e idolatria no universo do futebol**. In: FRANÇA, Vera; FILHO, João; LANA, Lígia, et. Al. (orgs.). **Celebridades no Século XXI: transformações no estatuto da fama**. Porto Alegre: Editora Insular, 2014.

HENN, Ronaldo. **Os mortos vivem no Twitter: outras camadas da como como acontecimento**. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christsa; HENN, Ronaldo. *Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte*. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Moema: Editora Zouk, 2003.

MOUILLAUD, Maurice. **As grandes mortes na mídia**. In: Mouillaud, Maurice; PORTO; Sérgio Dayrell (Orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: UnB, 2012.

TAVARES, Frederico. **A cotidianidade do morrer na vida noticiosa: ambiguidades de um acontecimento jornalístico**. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christsa; HENN, Ronaldo. *Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte*. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

VOGEL, Daisi; SILVA, Gislene. **Imagens de morte na primeira página**. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo. *Jornalismo e Acontecimento: Diante da Morte*. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

SOBRE OS ORGANIZADORES

EDWALDO COSTA - Pós-Doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Marília e especialista em Informática na Educação, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Concluiu graduações em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências da Computação. Atuou como professor na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Atualmente, o organizador do e-book é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil-DF e cursa pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da UnB, além de atuar como jornalista no Centro de Comunicação Social da Marinha, em Brasília.

RODRIGO DANIEL LEVOTI PORTARI - Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestrado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e graduação em Comunicação Social pelo Centro Universitário de Rio Preto. Atualmente é professor efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e coordenador do Centro de Pesquisa da Unidade de Frutal da UEMG. Tem experiência na área de Comunicação e Educação.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização e letramento 2, 3, 7, 79

Aprendizagem 1, 2, 4, 5, 8, 9, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 27, 29, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 56, 57, 63, 64, 66, 69, 70, 71, 72, 78, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 109, 111, 112, 113, 115, 118, 120, 121, 122, 128, 144, 145, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 180, 181, 182, 183, 189, 192, 193

Audiovisual 43, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 184, 185, 186, 187, 189

Audiovisual na sala de aula 123

Aulas de Geografia 148

Aulas presenciais 3, 10, 11, 13, 29, 32, 33, 34, 35, 124, 131

B

Bilinguismo 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 66, 67

C

Cartografia 148, 149, 150, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160

Cinema 123, 124, 125, 132

Condições de trabalho docente 2

Conhecimento 7, 8, 10, 19, 20, 21, 26, 30, 32, 37, 39, 40, 41, 43, 48, 49, 58, 63, 66, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 82, 84, 88, 90, 94, 97, 101, 102, 103, 112, 122, 125, 137, 138, 139, 140, 144, 145, 160, 161, 164, 167, 173, 175, 185, 186, 191

Covid-19 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 49, 205

D

Diálogo 1, 3, 10, 14, 33, 49, 67, 134, 182, 183, 191

Dificuldades em matemática 111

Docentes do Estado do Rio de Janeiro 1

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 73, 74, 79, 84, 87, 98, 99, 100, 101, 109, 110, 111, 112, 122, 123, 126, 129, 134, 136, 137, 138, 140, 142, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 172, 173, 174, 180, 193, 208

Educação brasileira 5, 27, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 48, 49

Educação digital 28, 47

Educação especial 10, 46, 53, 54, 55, 60, 61, 62, 63, 64

Ensino 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 153, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 180, 181, 182, 183, 186, 189, 190, 191, 192

Ensino da Matemática 87, 88, 94, 97, 110

Ensino de Comunicação Social 124, 125

Ensino de proporcionalidade 101, 102

Ensino fundamental 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 48, 53, 55, 56, 65, 79, 87, 91, 92, 93, 94, 98, 109, 110, 135, 136, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 155, 156, 159

Ensino médio 3, 41, 48, 69, 71, 73, 86, 87, 91, 92, 93, 95, 111, 112, 113, 122, 151, 159

Ensino remoto emergencial 16, 18, 19, 21, 24

F

Ferramenta didático-pedagógica 43

Ferramentas gamificadas 161, 162, 166, 171

Ferramentas tecnológicas 11, 32, 111, 112, 113, 122

Formação continuada 11, 12, 43, 53, 55, 56, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 98

Formação de professores 27, 32, 36, 37, 45, 47, 54, 59, 60, 67, 81, 97, 99, 110

Fracasso do aluno 162

Fungos 173, 174, 175, 178, 179, 180

Fungos macroscópicos 173, 174

I

Ilustração científica 173, 174, 180

Inovação tecnológica 37

Intervenção pedagógica 123, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134

J

Jesuítas em Presidente Kennedy-ES 135, 137

Jogos digitais 161, 164, 165, 172

Jogos lúdicos 35, 101

Jornalismo 123, 124, 125, 132, 195, 196, 204, 206, 207, 208

L

Licenciatura do IFES 16

Livros didáticos 90, 94, 97, 135, 136, 138, 141, 142, 143, 144, 145

M

Maradona 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206

Matemática 81, 82, 86, 87, 88, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 122, 149, 172

Material concreto 101, 106, 109

Mediação 11, 36, 67, 68, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 82, 99, 128, 129, 144, 193

Mediação pedagógica 36, 69, 74, 78, 79

Metodologia 7, 16, 23, 24, 26, 38, 39, 82, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 96, 99, 101, 103, 109, 113, 124, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 149, 150, 173, 181, 184

N

Novas tecnologias 36, 99, 122, 129, 155, 156, 162

P

Planejamento 9, 13, 16, 18, 43, 64, 73, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 112, 129

Políticas públicas educacionais 37, 39, 44, 45

Práticas de alfabetização 1

Práticas docentes 3, 4, 8, 34, 43, 148

Processo de ensino-aprendizagem 2, 5, 8, 11, 17, 18, 21, 23, 43, 51, 56, 70, 72, 89, 182

Processos educativos 97

Professor bilíngue 53, 54, 60, 63, 66

Professor mediador 60, 61, 69, 73, 79

Publicidade 40, 123, 124, 125, 132, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193

Q

Química 69, 70, 71, 73, 74, 75, 110

R

Recurso pedagógico 51, 148, 149, 155

Recursos didáticos 87, 88, 148

Resolução de problemas 65, 87, 88, 101, 102, 103, 107, 109, 110, 162

S

Sequência de ensino investigativa 69, 70, 73

Sociedade 5, 6, 12, 13, 14, 19, 20, 30, 31, 34, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 88, 112, 123, 125, 127, 128, 129, 130, 137, 139, 140, 146, 164, 181, 182, 183

Surdez 53, 60, 63, 66, 67, 68

T

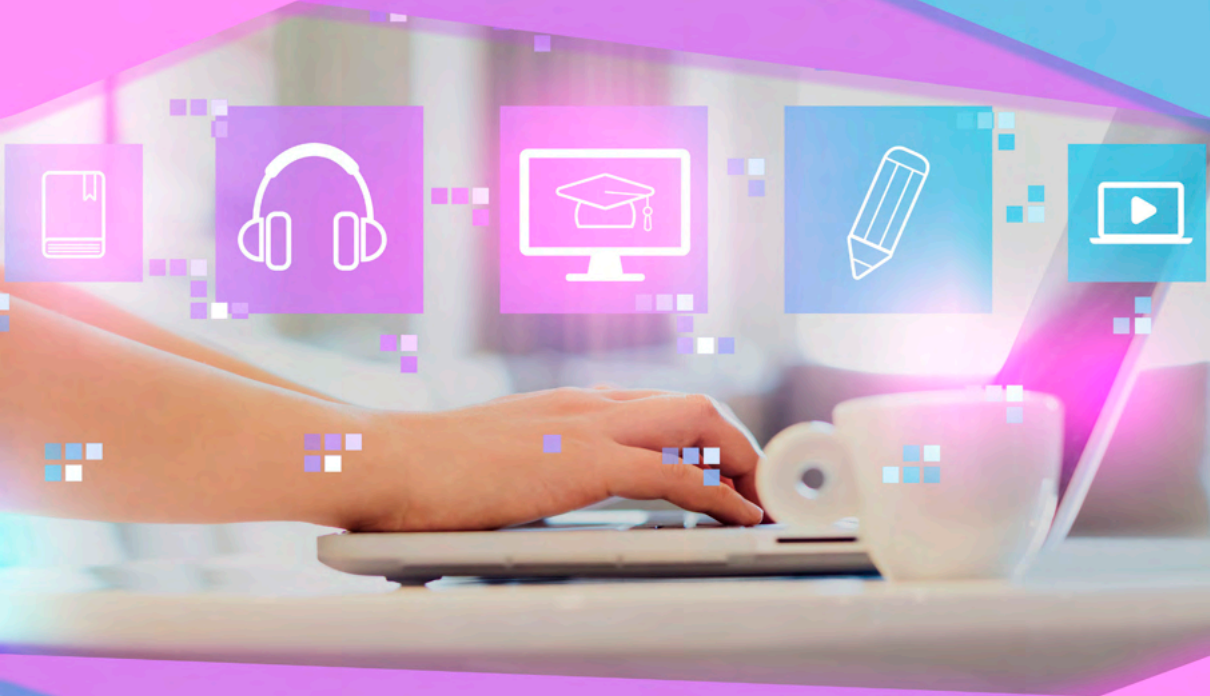
Tecnologia da informação e comunicação 40, 49, 50




O processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação



-  www.arenaeditora.com.br
-  contato@arenaeditora.com.br
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  www.facebook.com/arenaeditora.com.br

O processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br